

Luanda: relações sociais e de gênero

Selma Pantoja*

1. O Lugar de Gênero nos Mundos de Além-Mar

Uma das faces feminina do Império Colonial Português pode ser vista em conjunto com a situação da Europa Moderna como uma matriz social da construção dos papéis sociais e sexuais nas regiões periféricas. De uma maneira mais específica Portugal padroniza a matriz que importou diretamente essa influência européia considerando a confluência dos papéis sexuais e suas relações sociais com o contexto histórico nos mundos de Além-Mar. De uma maneira muito sucinta esboçamos uma análise da questão das relações sociais de gênero no espaço urbano de Luanda. A partir dos padrões do tipo ideal do feminino e masculino na sociedade portuguesa, que transportado e moldado a situação vigente do mundo africano se construiu a noção de gênero nas chamadas terras de Além-Mar.

A visão setecentista do lugar da mulher em Portugal enquadra o feminino no chamado esquema doméstico-religioso (T. Bernardino, 1985) Eram elas consideradas o símbolo do pecado. O objetivo da vida consumava-se no casamento que na realidade era um negócio em que intervinha os interesses das famílias como prioridades. Algumas, de vida mundana, tinham atividades sociais, como freqüentar os salões, hábito que com o tempo será mais freqüente e comum. No seu papel religioso a Igreja não distinguia entre as devotas, as vaidosas, as mundanas, as humildes, eram todas encaradas como pecadoras. Na penitência do seu pecado restavam as mulheres uma vida de dedicação espiritual e recolhimento com a negação ao material. Cabendo-lhe uma natureza frágil, inferior e delicada não exposta ao trabalho pesado.

Uma segunda face do Império Colonial Português pode ser contemplada com a leitura do cotidiano em configurações espaciais e sociais como Luanda.

No final do século dezoito já um arguto observador ao descrever Luanda usa o termo 'miscelânea' para definir aquela mistura de religião, gentes, atitudes, modo de ser. E opondo-se a 'miscelânea', dizia, que predominava nos arredores e fora da cidade 'o mais puro paganismo'. Aquele fino analista sempre acentuava no seu texto, ao descrever os costumes da terra, o par: miscelânea/paganismo.

O ilustrado autor luso-afro-brasileiro¹, Silva Correa, escreveu História de Angola a partir da sua experiência ao servir como militar na região angolana². Em recente artigo os africanistas Thorton e Miller (1990) definiram o estilo de Silva Correa como neoclássico e caracterizaram o seu texto como a saga de uma 'epopéia militar', uma obra nostálgica dos valores antigos da época áurea do Império Português. Qualquer que seja o qualificativo trata-se de um livro bastante conhecido daqueles que se dedicaram ao estudo quantitativo da transferência da mão-de-obra africana, ou sobre a essência da escravidão africana. Importa acentuar que fui buscar nesta fa-

* Departamento de História, UnB, Brasília/Brasil.

bulosa obra essencialidades mais difusas. E assim, passei a me interessar pelo que o autor chamou de 'miscelânea', a mistura de cultos, coisas, gentes e idéias no espaço urbano de Luanda. O autor usa o termo 'miscelânea' pejorativamente para apontar o enraizamento daquela gente mestiça do perímetro urbano, espaço de hibridizações genéticas e simbólicas entre africanos negros e os desgarrados de Além-Mar.

Silva Correa traz à cena o processo de miscigenação, iniciado desde o momento em que o primeiro europeu pisou aquela terra que seria Angola moderna. O que o autor descreve, de uma perspectiva racista e etnocentrista, num texto linguisticamente miscigenado, é a mistura racial e traz a tona o fato da genealogia da aristocracia local recuar em direção a um povo não-cristão. Que o texto retrata numa moldura de irracionalidade, negros sórdidos, feios e feras, numa época em que os luso-africanos da cidade ocupavam posições de relevo na sociedade local.

E lá na encruzilhada em que se mesclam e se atrimam vertentes histórico-culturais não similares, no encontro de ondas não estatais das sociedades africanas e lusas que principia a trama da 'miscelânea'. Emprego o termo de modo mais amplo, significando tudo quanto for signo, coisa ou pessoa que se imiscui por conta de uma vicissitude qualquer mas fora da órbita das determinações da Coroa portuguesa.

Pretendo discutir as diferenças sociais e de gênero como objetivo geral e a representação desses papéis masculino e feminino a partir da obra de Silva Correia. Além disso, pretendo me introduzir no debate de uma Luanda que foi predominantemente mestiça e deixou de sê-lo, problematizando para isso a interface da mesma questão: a política de povoamento de brancos por parte da Coroa portuguesa com seus resultados para a região e a disponibilidade de mulheres africanas para os brancos.

Apesar da política da Coroa portuguesa de enviar 'órfãs e donzelas' para Angola, com intuito de aumentar o número de casamento entre os brancos, o resultado não foi aquele desejado de 'multiplicação das gentes' ³. Numa primeira leitura, aparentemente, temos uma série de iniciativas do Estado português nos setecentos que determina a política de coloração da população, preocupado que estava com estabelecer uma população branca na África. Na ausência ou insucesso dessa política surge a população mestiça aparentando ser consequência unicamente da determinação dos homens brancos. A convergência de que resultou os luso-africanos, enquanto um tipo de população, implicou no movimento de duas partes mas a invisibilidade da mulher africana é patente em textos que tratam da mestiçagem em Luanda, ou Angola. Seria o caso de aprofundar questões como: a mestiçagem foi apenas uma contingência demográfica do decréscimo da população masculina africana resultante da pressão do tráfico transatlântico nos setecentos? ⁴; considerar a importância para os africanos de cederem suas mulheres como parte de uma estratégia de unir-se aos brancos? ⁵; Ou ainda, qual seria a demanda sexual e afetiva por parte das africanas nessa relação? Aprofundar o estudo dos vários componentes dessas questões significa tentar estabelecer as noções de gênero que serviram para validar novas situações.

2. Da Obra de Silva Correa

Ao longo da obra de Silva Correia é possível fazer uma leitura sob a perspectiva das relações de gênero. O autor na descrição das mulheres negras, mestiças e brancas as identificam sempre com uma prática de ociosidade e luxo ostensivo. Assim como as negras que vivem no sertão vestidas e mantidas por brancos ou mestiços, cafrealizados, são denominadas de 'negras sultãs'. Uma diferente observação pode ser captada ao descrever a figura das quitandeiras de Luanda são as responsáveis pelo 'pequeno, pobre e fedorento comércio'. O autor se torna mais cauteloso ao

descrever as 'senhoras de Luanda', as mulheres brancas ou aquelas com 'esta alcunha', acrescenta ironicamente. Mas se havia espaço para a dúvida, se são ou não brancas, pensamos tratava-se de mestiças que o autor não quis nomeá-las como tal. Silva Correa faz referência aqui a um grupo de mulheres que brancas ou não, mas com certeza são pessoas integrantes a uma elite da cidade. Devido, supõe-se, a este status social elevado essas senhoras da sociedade luandense, não eram nomeadas de mestiças. Essas 'brancas' são apresentadas como cópias das mulheres européias e seus hábitos, portanto, tem sempre formas ridículas como o fato delas estarem sempre acompanhadas de comitivas de escravas. Enquanto essas mesmas escravas por estarem sob um controle por demais 'relaxados' das senhoras levavam vidas 'licenciosas' entendendo-se daí que contribuíam para o aumento da prostituição na cidade de Luanda. Mas por outro lado, as senhoras brancas ou tidas como tais, são acusadas de terem boa desenvoltura na língua ambundu e não saberem se expressarem adequadamente em português. Os motivos dessa 'cafrealização' das mulheres na cidade seriam: por viverem encerradas em casa e um convívio constante com as africanas. Essas senhoras, por conta disso 'são velozes nas conversações familiares e mudas nas polidas assembléias'. Em outros termos, o autor cobra das ditas senhoras uma atuação ou performance mais 'civilizada' em público. Pelo que consta no texto são poucas as que assim sabem se comportar em Luanda, seriam, no caso, as brancas de verdade. Em compensação, os homens, entenda-se brancos de verdade (?), são eloqüentes no português e 'elegantes' no ambundu (Correa, p. 83). Por essas pequenas menções aos papéis masculino e feminino percebe-se o confinamento, ao ambiente familiar, privado que cabia as mulheres da elite luandense, brancas ou não. O principal luxo consistia nas visitas de casamentos ou batizados. O idioma dominante era o umbundu. As senhoras vivem encerradas em casa e as suas multidões de escravas vivem em liberdade pelas ruas da cidade.

Mas as mulheres, 'brancas', em Luanda também não atuavam como boas cristãs já que 'se isentavam' de ouvir missa, a não ser que tivessem em casa suas próprias capelas, acrescenta com ironia o autor. Por outro lado, o autor descreve as igrejas freqüentadas por multidões em épocas de casamentos, batizados e funerais. Nessas ocasiões os rituais cristãos e africanos andam juntos, quando a 'miscelânea' mais ostensivamente podia ser vista. Na denúncia desse tipo de sacrilégio Silva Correa gasta algumas páginas e pé-de-páginas e o governador Sousa Coutinho já tinha ordenado alguns bandos proibindo tais afrontas.

Em uma especial situação o autor não se nega a tecer elogios às mulheres 'brancas' em Luanda. Considera que a terra africana por causa do clima apresenta-se perigosa para a natureza humana especialmente para o sexo masculino. Opinião compartilhada, na época, pelo governador de Moçambique, Pereira do Lago, que achava aquela terra 'mortífera para os varões e generosa para as mulheres'. Para o governador de Angola, Sousa Coutinho, apesar da 'malignidade do clima' que devorava e enlouquecia os seus oficiais da fábrica de ferro, 'a terra era para aqueles que sabiam resistir aos cantos das cigarras que são as sereias desses mares'⁶ Evidência enfatizada também, em época mais recente, pelo historiador Boxer ao assinalar o caráter de 'tumba do homem branco' numa referência a cidade de Luanda (Boxer, 1977, p.29). O clima das terras africanas, pode trazer a morte e outras vezes afeta o homem branco em outras dimensões: para muitos dissolve a razão. Traz a loucura. Nas terras africanas o 'fogo da sensualidade atizado pela ardência do clima devora a natureza humana'. A preocupação aqui são as concubinagens de brancos com as negras referidos como 'atos libertinos de europeus que tem concubinas e muitas vezes são apresentadas as próprias esposas'⁷. Estas sim, senhoras brancas que merecem elogios do autor pelo seu cumprimento dos votos conjugais. A exceção fica por conta de algumas esposas que agem do mesmo modo dos homens, 'que sendo público para estranhos é sigiloso para o ímpio marido'.

A virtual incidência de mortes dos homens brancos em terras africanas chega a criar o fenômeno das mulheres que se enviuvam por mais de cinco vezes e das viúvas ricas que administram os seus próprios bens. Esse fato foi motivo de apreensão por parte de administradores como bem expõe em carta ao Rei em 1770⁸. De resto, a inclemência do clima serve de justificativa para outras tantas coisas.

A representação simbólica invocada no caso do 'clima das terras africanas' permite uma criação social sobre os papéis apropriados para mulher e homem (J. Scott, p.141). Numa ordem onde o maior valor dado está na condição masculina e não na feminina o que faz a transgressão do homem branco é o clima que destrói a razão. O mito do clima das terras africanas pertence a categoria dos símbolos culturais no mundo europeu que apesar da perda da visão ptolomáica do mundo, ainda perpassava no imaginário social a idéia de pecado e tentação a que o homem branco estará exposto em terras tórridas e distantes. O clima aqui é usado como justificativa para o comportamento sexual ou a descrição de comportamentos sexuais e padrões de valores diferentes em novas situações.

Apesar da natureza da terra africana ser 'benigna para o sexo feminino' ela não poupa as mulheres durante os partos e isto é visto por Correa como a justificativa da preocupação desse povo com a procriação. Por isso mesmo, ela esta sempre presente nos seus rituais garantindo as cerimoniais para um bom parto no ato de iniciação das meninas.

No quadro da exceção algumas mulheres parecem não se dedicar somente ao luxo e ócio, são as proprietárias de 'arimos' (grande propriedade rústica). Mas essas por não possuírem um forte controle dos escravos permitem que esses mantenham seus usos (poligamia e 'paganismo') em suas propriedades. Essas mulheres, geralmente, viúvas, precisam da autorização dos seus escravos para se casarem novamente, ou seja, que estes aprovelem sua escolha. Quando as mulheres aparecem, como neste caso, em lugares de proprietárias são consideradas de controle muito 'relaxado' ou não possuem um forte controle. São essas 'ousadas liberdades que promovem a poligamia e o paganismo'. Assim para o autor o mundo africano apresenta-se 'às avessas', tudo fora de seu lugar. Na observação dos costumes no interior das libatas onde cabe as mulheres as tarefas diárias mais pesadas.

3. Luanda dos cafres, fusos, mulatos, mestiços...

Na trajetória do mestiço e formação de uma estratificada camada intermediária, em Luanda, teríamos como resultantes a inserção dos mulatos no meio urbano que significou que eles foram de certa maneira absorvidos e integrados nos postos burocráticos, militares e nas funções de pequenos comerciantes. Mesmo assim deplorava-se o fato de que em muitos casos os mestiços, já integrados aos valores europeus, quando da morte do pai acompanhasse a mãe e se embrenhava no mato impregnando-se do mundo africano.⁹

Em Luanda, Silva Correa nos informa de como nesta cidade eram tidos os mestiços, pardos, que por ser um país de 'imensos negros, não ofuscam o brilhantismo das funções públicas'. Quer seja pela ausência de uma mão-de-obra qualificada, fato tantas vezes apontado pelos governadores, ou pela ocasional oferta de mestiços naquela altura. Em Luanda os pardos 'atravessavam as Salas dos Dosséis', bastando para isto suas funções militares.

Na administração portuguesa em Luanda os mestiços ascendem socialmente pelos cargos públicos, como no já citado exemplo de Correa. Um documento do final do século¹⁰ faz uma listagem detalhada dos ofícios civis (justiça, fazenda, economia pública e política), de seus ocupantes, salário, cor e caráter do cargo. Sobre as 36 profissões listadas referentes à cidade de

Luanda, o documento fornece os seguintes dados: 12 pardos, 10 brancos e o restante sem discriminar a cor, demonstrando a influência dos mestiços nos serviços públicos e também, nos pequenos negócios.

Na virada do século XVIII para o XIX Luanda segue sendo uma cidade de mestiços. O pequeno comércio e boa parte dos cargos inferiores e intermediários da administração estavam nas mãos de mestiços. Na segunda metade do século XIX florescia um estrato médio de mestiços e negros ligado por laços de parentesco a pequenos e médios proprietários situados no comércio de Luanda. Nas últimas décadas do século XIX Luanda passa por uma fase dinamizadora da sua vida cultural expressa pelo surgimento de vários jornais e movimento literário que se estende até as três décadas do nosso século quando foi quebrado esse renascimento cultural. A política colonialista aplicada a partir de então, impulsiona a criação de núcleos brancos chegando ao equilíbrio numérico de mulheres e homens brancos¹¹. Retorna-se ao fenômeno que Cadornega chamara a atenção no século XVII: "Aqui onde o filho é fuso e quase negro o neto, e todo negro o bisneto, e tudo escuro" (Cadornega, 1972, III, p. 384).

Para os mestiços, fora dos centros como Luanda, os efeitos da 'miscelânea' foram diferenciados segundo o contexto das relações entre brancos e negros. Para além do espaço urbano esse estratos eram integrados pela sociedade negro-africana, como no exemplo dos sertanejos em Angola, cafrealizados. Já no centro urbano a 'miscelânea' impunha o modelo de comportamento 'civilizado', ou como no caso das mulheres de altos estratos da sociedade luandense, cafrealizavam-se mesmo alocadas no coração da configuração espacial e social dos brancos. Nas regiões onde dominava o 'paganismo', os brancos pobres, e os mulatos 'cafrealizavam-se', porém onde se impunha a 'miscelânea', esses grupos 'civilizavam-se'.

Em Luanda, onde o governador se confrontou com o poder dos luso-africanos, no final dos setecentos, contornou o conflito de imediato ao relegar para aqueles o papel secundário no comércio, deixando livre os privilégios para os comerciantes da metrópole cumprindo magistralmente as diretrizes pombalinas.

Em outra situação esses mestiços alcançavam os lugares privilegiados, como 'homens bons', ou 'homens de bem' suplantavam em parte a condição de africano, mestiço, ou de cafre, pela fluidez do contexto político-histórico da região.

Os africanos, encobertos por várias nomenclaturas, como 'cafres', 'naturais da terra', 'nacionais', fuscos, mulatos civilizados, gentios, pardos, mulato cativo, negro casco, despontam nos textos como se um amplo manto encobrisse essa realidade e na tentativa de desvendá-la as categorias como 'cafres' aparecem muitas vezes difusas sem aparente sentido guardando um único significado, de ser o Outro. Ou então, como afirma Sousa Coutinho (código 2139, Angola. AHU), em suas memórias sobre a fábrica de ferro, era necessário "enraizar aquela arte nos naturais do país e nos negros", usando a expressão aqui com sentido diferenciador, numa referência direta de que os naturais da terra são os brancos nascidos na África, e os negros, bem, os negros são os outros.

Notas

1. Designação usada por Mário Antônio em *Reler África* (1990) pelo fato de Silva Correa ter nascido no Brasil, Rio de Janeiro, de pais portugueses e ter vivido em Angola e Lisboa.
2. Ao descrever Luanda o autor constrói seu texto pontuando-o com a comparação entre Rio e Luanda nos seus costumes, no cotidiano das duas cidades no final do século.
3. O envio de órfãs para casarem com brancos por várias vezes não resultou em casamentos entre os brancos, os tutores roubavam os bens impedindo os casamentos, situação que Sousa Coutinho chamou de 'abismo de trapaça'.
4. Quanto à controvérsia da questão do impacto do tráfico de escravos na população de Luanda ver: José Curto; Raymond Gervais; P. Manning; J. Thornton, e J. Miller.
5. Seria o caso da importância das estratégias africanas, que cedem as suas mulheres para dispo-rem de agentes intermediários. Como no período dos primeiros contatos como sugere Isabel Castro Henriques, *As Outras Africanas: as reais e as inventadas*. **Oceanos**, nº 21, jan/mar. 1995, Lisboa.
6. A opinião do governador era de que se eles (os mestres dos ofícios) soubessem vencer as primeiras doenças dificuldades sobreviveriam mas "*estes homens deveriam morrer e não poderiam durar neste clima, a pobreza nas suas terras...(de origem) a riqueza a que passaram por força dos jornais extraordinários, os enloqueceram...de forma que a rudeza do sua índole e a propensão á voluptuosidade, eram absolutamente incompatíveis com a malignidade do clima...*" (Doc. 18, cx. 53, AHU, Ang.)
7. Esses libertinos ainda não são aqueles que aderem as crenças africanas e rejeitam a religião católica praticando a poligamia, os cafrealizados. Contra esses males dentro de Luanda o governador Sousa Coutinho em vão estabeleceu bandos punindo esses atos no perímetro urbano (doc. 1, cx. 53, AHU, Angola, 1769).
8. "*O clima acaba de fazer roubos tiranos em homens e as viúvas são muitas e ricas não acham quem lhes governe seus bens*" (doc. 20, cx. 54, AHU, 1770).
9. "*Extrema falta de gente não há soldados capazes para defesa e para os quadros ordinários tem sido necessário introduzir alguns pequenos mulatinhos de nenhum uso,*" (Sousa Coutinho doc. 26, cx. 54, AHU, 1770)
10. A listagem é sobre Angola em geral e retiramos somente dados sobre a cidade de Luanda. "Angola no final do Século XVIII". **Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa**, nº 5, 1886.
11. Para o início do século XIX a proporção entre mulheres e homens brancos, era de 1/10 chegando em 1930 com a proporção de 1/1. Entre 1925 a 1940 os dados da população são de: 6000 brancos; 5.500 mestiços; 39.000 negros. (Mourão, F. 1978, p. 24)

Referências Bibliográficas

- BERNADINO, Teresa. **Sociedade e Atitudes Mentais em Portugal, 1777-1810**. Lisboa, Imprensa nacional, 1985.
- BOXER, C.R. **A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica**. Lisboa, Livros Horizontes, 1977
- CORREA, Elias Alexandre da Silva. **História de Angola**. Lisboa, 1937. Coleção Império Africano, II vols., (Escrito nos fins do século XVIII).
- COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. "As cidades pré-coloniais: tentativa de definição e periodização". **Revista Internacional de Estudos Africanos**, Lisboa, IIT/CEAA, 4/5265-279:, jan-dez, 1986.
- HEINTZE, Beatrix. "A Cultura Material dos Ambundu de Angola Segundo as Fontes dos Séculos XVI e XVII". **Revista Internacional de Estudos Africanos**. Lisboa, IIT/CEAA, 10/11: 15-63, 1989.
- LIMA JÚNIOR, Nelson Gonçalves de. **Leitura Espaço-Social da Cidade de Luanda através de Mapas e Planos Urbanísticos do Século XVI ao XX**. São Paulo, USP/FFLCH, 1995 (dissertação de Mestrado).
- MEMÓRIA de D. Francisco de Sousa Coutinho sobre o comércio, navegação e Conquista da Ásia e África. AHU, Angola, Cod. 2139, 1779.
- MILLER, J. **Way of Death: Merchant Capitalism and the Angolan Slave Trade, (1750- 1830)**. Madison, Univ. Wisconsin Press, 1988.
- MILLER, J. e THORNTON, J. A Crónica como Fonte, Histórica e Hagiografia: o Catálogo dos Governadores de Angola. **Revista Internacional de Estudos Africanos**. Lisboa, CEA/ Instituto de Investigação Científica Tropical, 12/13: 9-55, 1990.
- MOURÃO, Fernando A. Albuquerque. **A Sociedade Angolana através da literatura**. São Paulo, Ática, 1978.
- _____. "A Evolução de Luanda: Aspectos sócio-demográficos em relação à independência do Brasil e ao fim do tráfico". (Capítulo VI do livro **Brasil e Angola na Rota do Atlântico Sul**, a ser publicado sob a organização de Selma Pantoja e Flávio S Saraiva).
- PANTOJA, Selma. **O Encontro nas Terras de Além-Mar: Os Espaços Urbanos do Rio de Janeiro, Luanda e Ilha de Moçambique na Era da Ilustração**. São Paulo, USP/FFLCH, 1994 (tese de doutoramento).
- SCOTT, Joan. Genre: Une catégorie utile d'analyse historique. Le Genre de l'histoire. **Les Cahiers du Grif**, n° 37/38, Tierce, s/d.
- TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros**. A Reflexão Francesa sobre a Diversidade Humana. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993, 2v.
- WASELING, Henk. História de Além-Mar. IN: BUKE, Peter (org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo, UNESP, 1992, p. 97-131.